

Escuta Preta: Grupos de acolhimento como estratégia de aquilombamento

Lia Vainer Schucman^{1*} , Elle de Sousa Medeiros¹ , Joice Roberta Modesto¹ , Maria Alice Corrêa Breigeron¹ , Pedro Henrique de Melo e Silva¹ , Viviane Alves de Paula¹ 

RESUMO

Este artigo apresenta uma reflexão sobre o projeto de extensão Escuta Preta, desenvolvido ao longo de três anos na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). A iniciativa tem como objetivo constituir um espaço de escuta e acolhimento para estudantes negros, por meio de técnicas grupais, dinâmicas reflexivas e abordagens temáticas alinhadas às demandas específicas dessa população. O projeto já alcançou sua sexta edição, consolidando-se como um recurso institucional relevante. Entre os resultados significativos, destacam-se o fortalecimento dos vínculos entre os participantes, a promoção de um sentimento de pertencimento e a criação de um ambiente mais acolhedor em uma instituição majoritariamente branca.

PALAVRAS-CHAVE: Acolhimento; Processos grupais; Racismo institucional; População negra.

Escuta preta: Support groups as a strategy for aquilombamento

ABSTRACT

This article presents a reflection on the Escuta Preta extension project, developed over three years at the Federal University of Santa Catarina (UFSC). The objective of the initiative is to create a space for listening and support for Black students, through group techniques, reflective dynamics, and thematic approaches aligned with the specific demands of this population. The project has reached its sixth edition, establishing itself as a relevant institutional resource. Among the most significant results are the strengthening of bonds between participants, the promotion of a sense of belonging, and the creation of a more welcoming environment within a predominantly white institution.


KEYWORDS: Support; Group processes; Institutional racism; Black population.

Escuta preta: Grupos de apoyo como estrategia de aquilombamento

RESUMEN


Este artículo presenta una reflexión sobre el proyecto de extensión Escuta Preta, desarrollado a lo largo de tres años en la Universidad Federal de Santa Catarina (UFSC). El objetivo de la iniciativa es crear un espacio de escucha y apoyo a los estudiantes negros, a través de técnicas grupales, dinámicas reflexivas y abordajes temáticos alineados con las demandas específicas de esta población. El proyecto ha alcanzado su sexta edición, consolidándose como un recurso institucional relevante. Entre los resultados más significativos están el fortalecimiento de los lazos entre los participantes, la promoción del sentido de pertenencia y la creación de un ambiente más acogedor dentro de una institución predominantemente blanca.

PALABRAS CLAVE: Apoyo; Procesos grupales; Racismo institucional; población negra.

1. Universidade Federal de Santa Catarina  – Centro de Filosofia e Ciências Humanas – Departamento de Psicologia – Florianópolis (SC), Brasil.

*Autora correspondente: liavainers@gmail.com

Recebido: 9 jul. 2025 | Aceito: 30 ago. 2025

Editora de seção: Marília Bruhn 

A PRESENÇA NEGRA NA UNIVERSIDADE: CONQUISTAS, DESAFIOS E PRÁTICAS DE ACOLHIMENTO

O acesso da população negra ao ensino superior no Brasil foi historicamente limitado por desigualdades estruturais herdadas do período escravocrata e mantidas por séculos de exclusão. Após a Abolição, em 1888, o Estado não instituiu políticas de reparação, perpetuando a marginalização da população negra, sobretudo nos espaços de educação formal. A universidade tornou-se um ambiente elitizado e majoritariamente branco, distante das realidades e dos saberes negros.

Diante desse cenário, os movimentos negros protagonizaram uma luta histórica por políticas públicas de inclusão. As ações afirmativas, especialmente as cotas raciais, emergiram como uma resposta concreta a essas reivindicações. A aprovação da Lei n.º 12.711/2012, que estabeleceu a reserva de vagas em instituições federais para estudantes de escolas públicas com recorte racial e socioeconômico, foi um marco dessa luta (Lei n.º 12.711, 2012). Apesar da resistência social, especialmente com argumentos baseados na falsa ideia de meritocracia, as cotas foram consolidadas como política de justiça social e enfrentamento das desigualdades raciais.

A partir da adoção das cotas, o perfil das universidades começou a mudar. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2019), entre 2010 e 2019 a presença de estudantes negros (pretos e pardos) nas universidades públicas quase dobrou. Essa transformação possibilitou a emergência de novos coletivos, novas vozes práticas pedagógicas e produções acadêmicas que desafiam a hegemonia branca e eurocentrada do saber universitário.

No entanto, o ingresso não resolveu todos os obstáculos. Muitos estudantes negros enfrentam dificuldades para permanecer na universidade, lidando com limitações financeiras, racismo institucional e um profundo sentimento de não pertencimento. A convivência em ambientes majoritariamente brancos, a escassez de representatividade docente, os currículos pouco sensíveis às questões raciais e as microviolências cotidianas produzem sofrimento psíquico e elevam os índices de evasão.

Foi nesse contexto que surgiu o projeto *Escuta Preta*, no Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), sob coordenação da professora Lia Vainer Schucman. O projeto responde à necessidade de acolhimento para estudantes negros, oferecendo escuta qualificada e espaços seguros de partilha. Mais do que um atendimento clínico tradicional, o *Escuta Preta* propõe a criação de redes de apoio e estratégias coletivas de enfrentamento das violências raciais.

Ao promover vínculos afetivos e escutas comprometidas com a realidade dos participantes, o projeto contribui significativamente para a permanência estudantil com dignidade e saúde. Trata-se de uma prática de cuidado que compreende o sofrimento psíquico como atravessado pelo racismo estrutural e, por isso, aposta na coletividade como caminho de resistência.

Assim, o *Escuta Preta* representa não só uma ação de escuta, mas também uma forma de resistência e cuidado coletivo. Em um cenário onde o acesso está sendo lentamente conquistado, garantir a permanência com dignidade e saúde é um imperativo ético e político. A presença negra na universidade não pode ser apenas simbólica: ela precisa ser sustentada por políticas institucionais que reconheçam as especificidades da experiência racial e promovam a equidade em todas as dimensões da vida universitária.

PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO, RACIALIZAÇÃO E AQUILOMBAMENTO: AUTORES QUE NOS GUIAM

Este artigo é escrito por uma equipe composta por estudantes de graduação e pós-graduação em psicologia, majoritariamente pessoas negras, envolvidos diretamente na concepção, facilitação e supervisão dos grupos *Escuta Preta*. A escolha pela voz coletiva em primeira pessoa do plural (nós) reflete a horizontalidade e a coautoria das experiências narradas.

Nós, do *Escuta Preta*, levamos em consideração, na formulação de nossas dinâmicas e propostas de acolhimento, as contribuições teóricas de psicólogas e psicólogos que refletem criticamente sobre os processos de racialização e subjetivação em contextos marcados pelo racismo estrutural. A partir das ideias de Fanon (2020), Souza (2021), Kilomba (2019), Beatriz Nascimento (Reis, 2019), Almeida (2022) e Ferreira (1999), compreendemos que a subjetividade de pessoas negras é muitas vezes atravessada por experiências históricas de exclusão, negação e silenciamento, mas também por possibilidades

de resistência, reinvenção e afirmação. Por isso, nossas propostas buscam promover a produção coletiva de uma identidade negra positiva, fortalecendo o reconhecimento de si e do outro como parte de uma história comum de luta e potência. Além disso, priorizamos a criação de vínculos afetivos entre os estudantes negros, entendendo que o pertencimento e o apoio mútuo são fundamentais para o enfrentamento das violências raciais e, também, para a construção de trajetórias acadêmicas e pessoais mais saudáveis e significativas. A seguir, apresentaremos as principais teses desses autores e autoras que fundamentam nossas práticas e orientam nosso compromisso com o acolhimento e o fortalecimento da experiência negra na universidade.

Fanon (2020) analisa os efeitos psicológicos do racismo sobre os sujeitos negros colonizados. Para o autor, a racialização imposta pelo sistema colonial e racista produz uma cisão na subjetividade do negro: ele é forçado a se ver a partir do olhar do branco, o que gera uma alienação profunda de si mesmo. A identidade negra é construída como inferior, exótica ou ameaçadora; e o sujeito negro, ao internalizar esses estigmas, busca se ajustar a um ideal branco de humanidade. Fanon denuncia essa violência simbólica como um processo de desumanização, no qual o negro é impedido de se constituir como sujeito pleno, e propõe uma luta radical por libertação, que passa pela recusa da máscara branca e pela reconstrução de uma identidade autêntica e livre da opressão racial.

Souza (2021) aprofunda a análise fanoniana no contexto brasileiro, explorando os efeitos subjetivos do racismo a partir de uma perspectiva psicanalítica. Para ela, o processo de subjetivação do negro em uma sociedade racista é marcado por uma negação de si mesmo, que começa na infância, quando a criança negra percebe que sua cor é socialmente desvalorizada. Essa percepção gera sentimentos de inadequação, vergonha e inferioridade que, se não forem elaborados, podem levar ao sofrimento psíquico intenso. A autora propõe que o “tornar-se negro” é um processo doloroso, mas necessário, de conscientização e ruptura com a introjeção dos valores brancos que negam a própria negritude.

Kilomba (2019), por sua vez, analisa a racialização como um dispositivo de poder que atravessa linguagem, memória e produção de saberes. Ela argumenta que os sujeitos negros são constantemente empurrados para fora do lugar de fala legítimo dentro das estruturas coloniais do conhecimento. Ao serem interpelados racialmente, têm sua subjetividade questionada e sua existência reduzida a estereótipos. Kilomba denuncia que o racismo não é apenas um fenômeno material, mas também epistemológico. Sua escrita, que mistura teoria, autobiografia e performance, propõe uma rearticulação da subjetividade negra a partir da narração de si mesma.

Ferreira (1999) propõe uma compreensão do processo de “negritude” como algo dinâmico e estruturado em estágios que marcam a construção identitária dos sujeitos negros em uma sociedade racista: (1) a negação da negritude, quando o sujeito busca se distanciar de sua identidade racial assimilando padrões brancos; (2) o conflito identitário, momento de crise em que o sujeito percebe as contradições entre sua vivência e os valores sociais hegemônicos; (3) a conscientização racial, quando o sujeito começa a compreender o racismo estrutural e a importância de afirmar sua identidade; e (4) a ressignificação da negritude, quando há uma apropriação positiva da identidade negra, muitas vezes associada à militância, ao pertencimento comunitário e ao orgulho racial.

Nas teorias grupais da psicologia, os grupos são compreendidos como espaços fundamentais de constituição da subjetividade. Desde as abordagens psicodinâmicas até as perspectivas mais críticas e sociais, entende-se que os grupos funcionam como lugares de espelhamento, pertencimento, elaboração de conflitos e produção de sentidos compartilhados. No contexto da psicologia social, os grupos são vistos não apenas como instâncias de interação, mas também como territórios de resistência e transformação. É nesse ponto que a ideia de aquilombamento, tal como formulada por pensadoras negras como Beatriz Nascimento (Reis, 2019) e Almeida (2022), se conecta profundamente às práticas grupais de cuidado e acolhimento psicológico com populações negras.

Nascimento (Reis, 2019) resgatou o quilombo não apenas como um espaço histórico de fuga e sobrevivência, mas como uma estrutura viva, com potência organizadora de vínculos, territorialidade e subjetividade negra. O quilombo, para ela, é um espaço de reconstrução simbólica, onde a identidade negra pode ser afirmada fora dos marcos coloniais de opressão. Já Almeida (2022) amplia essa leitura ao pensar o quilombo como uma prática viva de aquilombamento; um gesto político e afetivo de pessoas negras que se juntam para existir em segurança, compartilhar saberes e construir redes de cuidado, sendo uma prática coletiva de proteção psíquica e social que rompe o isolamento imposto pelo racismo.

Quando se articula essa concepção ao campo da psicologia, especialmente ao trabalho com grupos, compreende-se que o aquilombamento pode funcionar como uma metodologia de cuidado. Ao reunir estudantes negros em espaços onde possam se ver, se escutar e se reconhecer, promove-se um tipo de vínculo que fortalece a autoestima, reconstrói narrativas identitárias positivas e permite a elaboração das dores causadas pelo racismo. Esses grupos não são apenas terapêuticos no sentido clínico tradicional; são também espaços políticos de produção de sentido, pertencimento e resistência. Permitem a partilha de vivências racializadas, em geral silenciadas nos espaços institucionais, e reconstruem a subjetividade a partir de vínculos solidários.

As teorias de grupo em psicologia, como as de Pichon-Rivière (2005), reconhecem o grupo como uma estrutura capaz de mobilizar transformações individuais e coletivas. A noção de “Esquema Conceitual Referencial e Operativo” (Ecro) pode ser relida, nesse contexto, como um conjunto de valores e sentidos que os participantes trazem de suas experiências negras e que se tornam ferramentas de compreensão do mundo e de ação transformadora. O aquilombamento, nesse caso, funciona como um Ecro negro e coletivo que reorienta a leitura da realidade a partir de outra epistemologia, centrada na experiência negra, na coletividade e no cuidado mútuo.

Portanto, ao unir as contribuições das teorias grupais da psicologia à potência conceitual do aquilombamento, propomos práticas de cuidado psicológico que não apenas tratam o sofrimento, mas criam territórios de subjetivação em que a negritude pode florescer de maneira afirmativa e coletiva. O grupo, entendido como quilombo contemporâneo, é uma resposta radical às formas de desagregação e isolamento promovidas pelo racismo estrutural. Ele devolve às pessoas negras a possibilidade de existir de forma plena, com afeto, consciência e dignidade. É nesse sentido que experiências como o Escuta Preta se fundamentam: como aquilombamentos afetivos e políticos, nos quais ser negro não é mais sinônimo de solidão, mas de pertencimento e potência.

METODOLOGIA

Este trabalho configura-se como um relato de experiência com inspiração em pesquisa-intervenção, a partir da atuação dos autores no projeto Escuta Preta, vinculado ao Departamento de Psicologia da UFSC. Trata-se de uma análise qualitativa, fundamentada nas vivências e nas reflexões produzidas ao longo dos grupos de acolhimento desenvolvidos entre 2021 e 2024.

A equipe autora é composta por psicólogas(os), estudantes de graduação e pós-graduação, e uma docente coordenadora, que atuam como coordenadores e facilitadores dos grupos. Nossas posições sociais e raciais atravessam diretamente os modos de escuta, mediação e análise das experiências relatadas pelos participantes.

O projeto não foi submetido a Comitê de Ética em Pesquisa por tratar-se de uma ação de extensão universitária sem coleta formal de dados. No entanto, orientamo-nos pela Resolução n.º 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, que dispensa avaliação ética para estudos com abordagem exclusivamente teórica e que não envolvem riscos diretos aos participantes. Todos os nomes mencionados no texto são fictícios, e garantimos a confidencialidade das falas por meio de anonimato e do uso exclusivo de registros internos sem identificação pessoal.

As falas e reflexões emergentes dos encontros foram registradas por meio de diários de campo, relatórios semanais e supervisões clínicas, elaborados pelas facilitadoras e pela equipe do projeto. Para a sistematização e interpretação dessas vivências, utilizamos a análise temática, conforme proposta por Braun e Clarke (2006), que permite identificar, organizar e descrever padrões de sentido (temas) presentes nos dados qualitativos.

A análise temática foi conduzida em uma perspectiva construtivista e situada, reconhecendo que os significados não são dados, mas construídos nas relações entre sujeitos, discursos e contextos. Assim, os temas não foram definidos a priori, mas emergiram da escuta atenta das narrativas dos participantes e da reflexão crítica da equipe, durante as supervisões.

Os temas foram organizados em eixos de sentido recorrentes, como vínculos, pertencimento e resistência, que refletem as experiências compartilhadas nos grupos. A construção desses eixos considerou tanto o conteúdo das falas quanto seus efeitos afetivos e políticos, em diálogo com a literatura sobre racialização, sofrimento psíquico e aquilombamento.

Compreendemos a análise como um processo coletivo e implicado, no qual as experiências não são apenas descritas, mas também problematizadas à luz dos referenciais teóricos que orientam o Escuta Preta. Desse modo, a análise temática operou como uma ferramenta de articulação entre prática e teoria, subjetividade e política, narrativa e resistência.

A FORMAÇÃO DOS GRUPOS DE ACOLHIMENTO

Os resultados apresentados neste artigo são baseados em relatos de experiência dos autores, que atuaram como coordenadores e facilitadores dos grupos do projeto Escuta Preta. O objetivo é descrever e analisar aspectos recorrentes que emergiram durante os encontros, com foco no fortalecimento dos vínculos entre os participantes, na promoção de um sentimento de pertencimento e na criação de um ambiente mais acolhedor em uma instituição majoritariamente branca.

A divulgação dos grupos ocorre no início de cada semestre letivo, por meio de diferentes estratégias de comunicação, incluindo canais institucionais, redes sociais, afixação de cartazes no campus e articulação com coletivos negros da universidade. A participação é aberta a estudantes da UFSC que se autodeclarem negros, mediante inscrição via formulário eletrônico e posterior seleção conforme os critérios estabelecidos.

Em cada edição são organizados dois grupos presenciais, sob a condução de uma psicóloga e duas estagiárias do curso de psicologia. Os encontros são realizados semanalmente ao longo do semestre, com média de 9 sessões e participação variando entre 5 e 12 integrantes. A estrutura dos encontros é flexível, caracterizando-se pela ausência de um roteiro pré-definido. A definição dos temas e das atividades ocorre de maneira participativa, a partir das demandas, experiências e inquietações relatadas pelos participantes. O encontro inaugural é destinado à integração do grupo, ao estabelecimento de vínculos e à construção coletiva de normas de convivência.

A equipe responsável pelo projeto se reúne semanalmente para supervisão, com o objetivo de monitorar e avaliar os processos grupais em andamento. As supervisões possibilitam o acompanhamento teórico e metodológico das atividades, assegurando a adaptação dos procedimentos às especificidades de cada grupo e fundamentando as práticas em referenciais teóricos pertinentes.

A seguir, os conteúdos emergentes nos grupos do Escuta Preta foram organizados em três eixos temáticos que se mostraram recorrentes nas falas e vivências dos participantes.

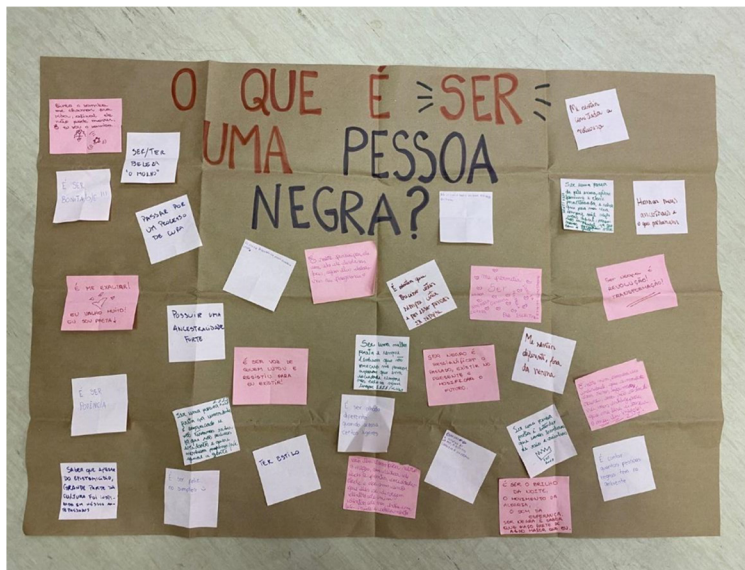
Processos de fortalecimento dos vínculos entre os participantes

Sendo um dos objetivos dos grupos terapêuticos a criação e o fortalecimento de vínculos entre estudantes negros/as/es, as três propostas de dinâmicas que acreditamos ter facilitado esse processo de vinculação foram: “Qual seu caminho até aqui?”, “O que é ser uma pessoa negra?” e “A tenda do conto”.

A primeira proposta, “Qual seu caminho até aqui?”, foi elaborada com o intuito de facilitar o acolhimento inicial, estimular o reconhecimento mútuo e provocar reflexões sobre as trajetórias individuais. Ao chegar no espaço onde são realizados os encontros do Escuta Preta, os participantes foram convidados a um momento de reconhecimento do ambiente; incentivados a andarem pelo espaço, trocar olhares com quem estava presente e realizar respirações diafragmáticas enquanto escutavam uma música orquestral. Após esse momento, foram chamados a se sentarem em roda e se apresentarem comunicando nome, curso, cidade natal e o que mais fizesse sentido. Logo após todos se apresentarem e firmarem um contrato verbal sobre o funcionamento do grupo, explicamos que através dos materiais disponibilizados (revistas, giz de cera, lápis coloridos, canetas etc.) todos teriam que representar, em uma folha de papel sulfite, sua trajetória. Ao finalizar a atividade e compartilharem seus caminhos, surgiram falas de identificação, como a mudança de cidade, o racismo institucional presente na universidade, a ancestralidade como suporte durante o percurso de vida, entre outras similaridades identificadas durante a partilha de suas vivências anteriores.

Como continuação da primeira dinâmica, questionamos os participantes sobre “O que é ser uma pessoa negra?”. Ao iniciar o encontro, propusemos dançar de olhos fechados escutando uma música da banda baiana Timbalada. Citamos esses momentos iniciais pois acreditamos que eles contribuíram muito para a adesão às dinâmicas, visto que elas cumprem

o papel de trazer os participantes para o momento presente. Após dançarmos, introduzimos a dinâmica com indagações ao grupo, como: “O que temos em comum?”; “Não faria o menor sentido nos reunirmos apenas por sermos pessoas negras. Apesar de vivermos de maneira individual, há alguma experiência vivida coletivamente?”. Em roda, com um cartaz escrito a pergunta “O que é ser uma pessoa negra?”, convidamos os estudantes a escreverem, sem limitações de palavras ou frases, em pedaços de papel, o que acreditavam ser uma pessoa negra. Após terminarem, colocavam os papéis em um baú de madeira no centro do grupo. Quando todos terminaram, propomos que fôssemos tirando aleatoriamente as escritas, lendo e compartilhando com o grupo como ressoou para si aquela palavra ou frase, se fez sentido ou se pensava diferente. Como resultado dessa dinâmica, surgiram frases como: “É ser voz de quem lutou e resistiu pra eu existir!”, “[...] saber que para nós será sempre mil vezes mais difícil...”, “Se sentir deslocado em quase qualquer lugar”, “É me exaltar! Eu valho muito! Eu sou preta!”, entre outras que promoveram olhares e palavras de identificação entre os participantes.



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 1. Cartaz “O que é ser uma pessoa preta?”.

A tenda do conto

Entre as dinâmicas que compuseram os encontros do Escuta Preta, a atividade intitulada “A tenda do conto” se destacou como uma experiência potente de fortalecimento de vínculos entre as pessoas participantes, na medida em que mobilizou afetos, memórias e identificações compartilhadas por meio da narrativa de si. A proposta, inspirada na técnica criada por Maria Jacqueline Abrantes Gadelha (Félix-Silva et al., 2014), convida cada pessoa a trazer um objeto significativo para narrar parte de sua trajetória. No contexto do grupo, adaptamos essa ideia a partir de uma pergunta disparadora: qual objeto marca a sua construção como pessoa negra?

Dias antes do encontro, esse convite foi enviado pelo grupo de WhatsApp, de forma que mesmo antes de nos encontrarmos presencialmente já se iniciava um movimento de rememoração e seleção afetiva. Como apontam Fanon (2020) e Souza (2021), o processo de subjetivação de pessoas negras é atravessado por experiências de exclusão, silenciamento e negação de si. Convocar essas pessoas a relembrar o que fortaleceu sua identidade negra é, portanto, um ato político e clínico de afirmação e reapropriação da própria história.

No dia do encontro o aquecimento foi preparado para possibilitar um ambiente de acolhimento. Ao iniciarmos, cada participante foi convidado a escrever, em pequenos papéis, o que desejava deixar fora daquele espaço: preocupações, tensões ou vivências que pudessem atrapalhar sua entrega naquele momento. Em um gesto simbólico, cada pessoa dobrou seu papel e todos foram descartados em uma lixeira fora da sala. Após esse breve momento, convidamos as pessoas participantes a se acomodarem confortavelmente nas almofadas disponíveis, e todos optaram por deitar. Então, apagamos as luzes para

contribuição do clima introspectivo e ouvimos a música *Acabou, mas tem*, do cantor Emicida. A escolha da música não foi casual: seus versos contrastam a violência do mundo externo – “*lá fora o mundo não ajuda*”; “*parece que Deus tirou férias*”, “*choveu água suja no coração do Brasil*” – com o desejo de *ficar bem*. A canção oferece um campo afetivo onde sentir é possível e permitido. No trecho final – “*Belisque o seu próprio braço e pergunte-se se você ainda é capaz de sentir algo*” –, Emicida convoca à quebra da anestesia emocional que tantas vezes é produzida pela vivência constante da dor coletiva.

Antes de iniciarmos a partilha, explicamos como funcionaria a dinâmica, inspirada pelas reflexões de Kilomba (2019) sobre o poder de narrar a própria história. Para a autora, romper com o silenciamento imposto pela colonialidade e assumir a autoria de sua narrativa é um gesto radical de subjetivação e libertação. Assim, convidamos cada pessoa a escolher, quando se sentisse à vontade, qualquer um dos objetos dispostos no centro da roda, não necessariamente aquele que havia trazido. Explicamos que os objetos poderiam ser repetidos e que a escolha deveria ser orientada por uma identificação afetiva. Ao tomar a palavra, a pessoa se sentaria em um espaço especialmente preparado: um “trono” de almofadas, posicionado de forma a simbolizar que, naquele momento, sua história seria escutada com atenção e respeito.

Para marcar o início das partilhas as duas mediadoras leram, de forma intercalada, o poema “Vozes-Mulheres”, de Conceição Evaristo. A escolha do poema dialoga diretamente com a proposta da dinâmica, pois mobiliza a força da memória ancestral e coletiva das mulheres negras, cuja existência atravessa silenciamentos e traz resistência e continuidade. Com essa leitura buscamos reconhecer a profundidade das histórias que viriam a ser compartilhadas e honrar as vozes que, historicamente, foram caladas.

As materialidades reunidas pelo grupo foram diversas e profundamente significativas: dois pentes garfos, duas guias religiosas, uma touca de cetim, dois cremes de cabelo, três livros, um leque, um fone de ouvido e um par de óculos de natação. Cada um desses objetos, carregado de memória e afeto, passou a funcionar como chave simbólica para a narrativa de si; e à medida que as falas iam se desenrolando, os objetos se tornavam pontes de reconhecimento, fazendo emergir não apenas histórias individuais, mas também uma memória coletiva negra, na qual destacaram-se as experiências com a estética e o acesso aos estudos como elementos transformadores.

A estética não pode ser compreendida apenas como expressão da aparência individual, mas sim como uma dimensão constitutiva da identidade negra e fonte de afirmação e resistência. Como analisa Portuguesez (2024), o cabelo opera como um território onde se inscrevem os efeitos da colonialidade, mas também as possibilidades de ruptura. A autora, dialogando com Nilma Lino Gomes, afirma que ser negro no mundo envolve uma dimensão estética que diz respeito a um corpo racializado, cuja aparência pode ou não resgatar de forma positiva as raízes africanas recriadas no Brasil. O cabelo, nesse sentido, é mais do que aparência: é símbolo de identidade, lugar de pertencimento e espaço de reinvenção.

As escolhas dos objetos como o pente garfo e cremes para cabelo revelaram como o cabelo, em sua materialidade e simbologia, se constitui como um marcador central de subjetivação, pertencimento e ruptura com o apagamento estético imposto historicamente aos corpos negros. Relatos como “*Eu só fui comprar um creme específico para meu cabelo aos 14 anos*”, dito por uma participante hoje com 21 anos, evidenciam o quão recente ainda é, para muitas mulheres negras, o acesso a experiências de cuidado que valorizem suas características naturais. Já expressões como “*Ganhar um concurso de beleza na escola fez com que eu nunca mais prendesse meu cabelo*” e “*Eu ter deixado meu cabelo crescer fez com que eu gostasse mais de mim, a partir dali entendi que poderia fazer/ser o que eu quisesse*”, ditas por pessoas diferentes, ilustram momentos de ruptura, em que a estética deixa de ser vivida como imposição a partir de valores brancos e passa a operar como dimensão ativa da autonomia, da autoestima e do desejo. A potência desses processos também se manifesta na fala breve, mas significativa, de outra participante – “*nossas raízes são fortes*” – ao falar sobre como não importa o quanto seja imposto o ideal do cabelo liso, nossos cabelos naturais continuarão a crescer fortes, afirmando a estética como fundamento de resistência, beleza e orgulho.

A estética negra, nesse contexto, não se dissocia do político: ela é atravessada por tensões históricas, pela rejeição e pela aceitação do corpo negro como legítimo e belo. Como aponta Benilde Portuguesez (2024), ao retomar Nilma Lino Gomes, o estético é, para a população negra, parte indissociável do político, pois expressa as marcas da violência, mas também os gestos de resistência, reinvenção e dignidade.

Outro eixo que se destacou nas narrativas foi o papel dos estudos e da literatura negra na constituição da subjetividade e na ressignificação de experiências de exclusão. Os livros presentes na roda, ainda que não necessariamente tenham sido os

que marcaram diretamente as histórias contadas, funcionaram como representações do saber negro e de seus efeitos subjetivos e políticos. As falas apontaram para a importância do acesso a autoras e autores negros como elementos transformadores da forma como as participantes passaram a se perceber, se nomear e se posicionar no mundo.

Uma das participantes compartilhou que, ao ingressar no ensino médio e começar a frequentar *slams* – batalhas de poesia falada e performada, com forte presença da juventude periférica e negra –, passou a ter contato com poemas e debates que abordavam a negritude, o racismo e a ancestralidade. Esse contato foi, para ela, o ponto de virada na forma como se enxergava: “*Eu não era mais a menina feia. Eu era a pessoa que todo mundo quer ser: a menina preta*”. A fala carrega uma torção simbólica poderosa, não mais internalizando o olhar de inferiorização, mas se afirmando a partir de novos referenciais estéticos, políticos e afetivos, como já apontado por Souza (2021) no processo de “tornar-se negro”.

Outra participante relatou o impacto de sua primeira leitura sobre a experiência negra: “*Cada vez que abria aquele livro pra ler, eu sentia que ele me atacava. Eu não poderia ler aquilo e continuar ignorando certas coisas*”. A leitura, nesse contexto, funciona como espelho, mas também como deslocamento, rompendo com o silenciamento e exigindo reposicionamento diante das próprias vivências. Como propõe Kilomba (2019), o acesso ao saber negro, muitas vezes excluído dos espaços formais de educação, rompe com a colonialidade do conhecimento e devolve à pessoa negra a possibilidade de nomear o mundo a partir de sua própria perspectiva.



Fonte: Arquivo pessoal.

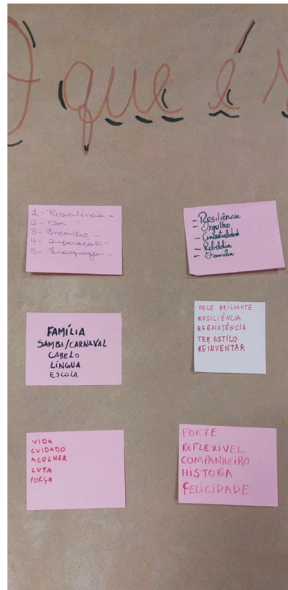
Figura 2. Objetos.

A promoção de um sentimento de pertencimento

A promoção do sentimento de pertencimento tem se mostrado uma das dimensões mais potentes das dinâmicas realizadas no Escuta Preta. Em um espaço universitário marcado por uma hegemonia branca, as atividades propostas pelo grupo buscam não apenas dar voz a histórias muitas vezes silenciadas, mas criar territórios simbólicos de acolhimento e reconstrução de vínculos identitários. Inspiradas no conceito de aquilombamento, as dinâmicas partem do reconhecimento da dor e da força como partes indissociáveis da experiência negra e fomentam a elaboração subjetiva por meio da escuta, da partilha e da criação coletiva. Essas práticas são compreendidas como tecnologias de cuidado, que afirmam a existência e potência do povo negro, promovendo processos grupais afetivos e antirracistas (Ortega et al., 2023).

A atividade “O que é ser uma pessoa negra?”, por exemplo, tem sido um ponto de partida crucial para que os participantes reflitam sobre sua trajetória e se reconheçam, mutuamente, em suas vivências. Palavras como “força”, “resistência”, “dor”, “alegria”, “cuidado” e “história” formam um mural coletivo, onde cada adjetivo escrito em um pedaço de papel torna-se uma abertura para

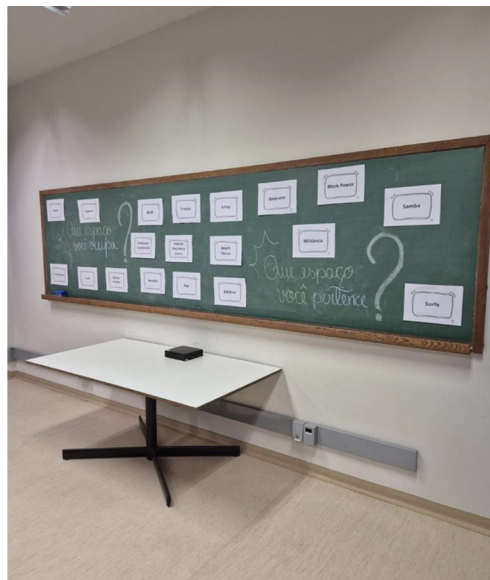
o diálogo e a conexão. Quando Pietro compartilhou que se via como o “menos negro” do grupo, foi recebido com acolhimento pelos demais, que validaram sua identidade e o reconheceram no espaço comum. Nesse momento, não apenas ele se reinscreveu simbolicamente como homem negro; também o grupo se fortaleceu enquanto coletivo que acolhe as diferenças sem hierarquizá-las.



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 3. O que é ser uma pessoa negra?

Da mesma forma, a dinâmica “Ocupar e pertencer” traz à tona a complexidade do pertencimento negro em uma sociedade que tenta determinar onde corpos negros podem ou não estar. Diante de palavras expostas na lousa – como “balé”, “rap”, “umbanda”, “música erudita” ou “militância” –, os participantes identificam espaços que ocupam, mas não sentem que pertencem, e outros aos quais pertencem mesmo sem ocupá-los plenamente. Essa distinção revelou-se profunda ao permitir que cada um se reconhecesse não apenas em suas escolhas conscientes, mas nas heranças, contradições e nos desejos que atravessam sua história. O espelho colocado como provocação no final do percurso gerou respostas emocionais marcantes: enquanto Natália sentiu o peso do autocuidado negligenciado, Bianca compartilhou o orgulho de ter se afirmado como mulher negra ao longo do tempo.



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 4. Lousa com palavras escritas.

Essas atividades, ao mesmo tempo lúdicas e profundas, não apenas produzem escuta e reconhecimento, mas acionam sentidos de pertencimento que atravessam o corpo, o tempo e o afeto. Através delas o grupo deixa de ser apenas um lugar de fala e se torna um lugar de enraizamento. Os relatos de participantes como Patrick, que afirmou existir “um antes e um depois do Escuta Preta”, indicam que essas experiências geram marcas subjetivas importantes, ao ressignificar vivências dolorosas e produzir outras formas de existência coletiva.

Para Ferreira (1999), participar de grupos de militância, com objetivos políticos ou culturais, é fundamental para favorecer o processo de reconstrução pessoal junto a interlocutores que vivenciam a mesma problemática. Para o autor, é a partir dessas vivências que a pessoa afrodescendente tende a abandonar ideologias simplificadas, que podem produzir impressões românticas ou idealizadas sobre a negritude. Isso ocorre por meio do exercício de revisão dos padrões negativos introjetados e da possibilidade de contato com aspectos da história que foram omitidos. Dessa forma, este espaço favorece a busca por reconhecimento, coletividade e a ruptura com a dominação colonial, promovendo, assim, um movimento estético de valorização da negritude. O pertencimento, nesses contextos, não é algo dado: é construído, disputado, cuidado. As dinâmicas do Escuta Preta mostram que, quando se cria espaço para a palavra, o gesto e a escuta, é possível reconfigurar sentidos, fortalecer identidades e afirmar a potência das vidas negras.

CRIAÇÃO DE UM AMBIENTE MAIS ACOLHEDOR EM UMA INSTITUIÇÃO MAJORITARIAMENTE BRANCA

A convivência em um ambiente universitário majoritariamente branco gera experiências de solidão e frequentemente de sofrimento psíquico entre estudantes negros. Venancio (2023) destaca que o racismo e a discriminação racial presentes no cotidiano universitário agravam sentimentos de inadequação, baixa autoestima e não pertencimento, aumentando a vulnerabilidade psíquica dos alunos negros.

Diante disso, a criação de espaços de acolhimento é mais que desejável, tornando-se essencial para promover o bem-estar, valorizar subjetividades e atuar como elemento de fortalecimento das condições de permanência dos estudantes negros na universidade. O projeto Escuta Preta atua diretamente nessa lacuna ao investir em práticas de acolhimento que se manifestam em dimensões tanto concretas quanto simbólicas. No plano concreto, o cuidado se expressa desde a organização do ambiente físico, pensado para ser caloroso, confortável e receptivo, até a realização de dinâmicas que incentivam o contato interpessoal. Atividades que valorizam gestos de afeto fazem parte das práticas, reconhecendo o afeto enquanto elemento de resistência e reconstrução do pertencimento.

A potência das práticas de acolhimento afetivo se evidencia na fala de uma das participantes do grupo: “*Gosto muito de expressar afeto. Não tenho encontrado muitas oportunidades de fazer isso, e vivenciar essa dinâmica que favoreceu esse contato foi muito importante pra mim*”. Esse depoimento evidencia como a criação de espaços que legitimam o afeto pode ser transformadora, especialmente em contextos universitários marcados pelo distanciamento social e emocional imposto pelo racismo institucional. Guerra et al. (2024) apontam em seu estudo que o racismo vivenciado por estudantes negros nas universidades afeta diretamente sua saúde mental, autoconfiança e motivação, tornando essencial a existência de espaços de acolhimento e proteção. Ao promover dinâmicas que valorizam ações afetuosas, o olhar e a escuta sensível, o grupo atua na contramão de lógicas excludentes, permitindo que o cuidado e a proximidade também sejam reconhecidos como práticas de resistência e de promoção da saúde mental.

Para além das ações visíveis, o acolhimento também acontece em uma dimensão simbólica, que é fundamental para a experiência dos participantes, que encontram no grupo um espaço seguro onde podem falar sobre suas dores, vivências e estratégias de resistência sem precisar traduzir ou justificar o impacto do racismo em suas vidas. Não é necessário explicar ou defender o próprio sofrimento para ser compreendido, pois simplesmente compartilhar o que sentem já é suficiente para serem reconhecidos e acolhidos pelo grupo. Isso rompe com uma lógica muito comum em espaços majoritariamente brancos, onde pessoas negras frequentemente sentem que precisam ensinar ou explicar suas experiências para serem legitimadas.

Ao valorizar o afeto e a escuta, o grupo propicia uma atmosfera na qual a dor é compreendida e acolhida, favorecendo o desenvolvimento do apoio mútuo entre os participantes. Esse ambiente fortalece os vínculos interpessoais e possibilita a construção e o aprimoramento de estratégias coletivas de enfrentamento ao racismo.

CONCLUSÃO

O projeto Escuta Preta tem se consolidado como uma importante ferramenta de apoio e acolhimento para estudantes negros/as/es da UFSC, proporcionando um espaço seguro de reflexão e fortalecimento da identidade racial. As supervisões realizadas com a equipe possibilitaram um ambiente de troca significativo, no qual foi possível observar as complexidades e os desafios enfrentados pelos estagiários, muitos deles relacionados ao racismo estrutural e à busca por ressignificação de suas trajetórias.

É notável que, ao longo dos encontros, os participantes do grupo foram capazes de resgatar e fortalecer sua negritude, refletindo sobre as diferentes maneiras de vivenciar e se posicionar frente às situações cotidianas, tanto individualmente quanto coletivamente. A adaptação de estratégias terapêuticas durante os encontros demonstra a importância de tornar o espaço mais acessível e engajador, permitindo que os participantes se conectem com o grupo e com as questões que permeiam uma vivência da negritude.

Foi possível observar, a partir das supervisões, que todos os envolvidos tinham a dimensão de que apenas o Escuta Preta não seria capaz de solucionar os problemas relacionados ao racismo na universidade. Não existe essa pretensão, e havia um consenso quanto a essa limitação. O entendimento do projeto enquanto um “paliativo” em meio a um mar de discriminação racial negativa demandou aos estagiários, com a professora orientadora e a psicóloga, que estratégias fossem pensadas para que houvesse dinâmicas psicoterapêuticas que abordassem o racismo, mas de forma a não fazer os indivíduos reviverem as violências sofridas. A arte, nesse sentido, proporcionou que o próprio ambiente psicoterapêutico fosse encarado de outra maneira e foi eficaz em compreender os sujeitos negros, acolhendo sua subjetividade, com seus desejos e outras possibilidades de existência dentro da universidade.

Portanto, o Escuta Preta não cumpre apenas o papel de acolher e promover saúde mental dos estudantes negros/as/es, mas também se configura como um espaço de resistência e ressignificação, capaz de contribuir significativamente para a luta antirracista. A continuidade do projeto e o aprimoramento de suas práticas, com foco na inclusão, valorização e humanização das experiências negras, são fundamentais para garantir que mais estudantes possam ter suas identidades fortalecidas e uma experiência acadêmica mais tolerável.

CONFLITOS DE INTERESSE

Nada a declarar.

CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES

Conceitualização: Schucman LV, Medeiros ES, Modesto JR, Breigeron MAC, Silva PHM, Paula VA; **Metodologia:** Schucman LV, Medeiros ES, Modesto JR, Breigeron MAC, Silva PHM, Paula VA; **Análise formal:** Schucman LV, Medeiros ES, Modesto JR, Breigeron MAC, Silva PHM, Paula VA; **Investigação:** Schucman LV, Medeiros ES, Modesto JR, Breigeron MAC, Silva PHM, Paula VA; **Escrita:** Schucman LV, Medeiros ES, Modesto JR, Breigeron MAC, Silva PHM, Paula VA; **Aprovação final:** Schucman LV.

DISPONIBILIDADE DE DADOS DE PESQUISA

Dados serão fornecidos mediante solicitação.

FINANCIAMENTO

Não se aplica.

AGRADECIMENTOS

Não se aplica

REFERÊNCIAS

- Almeida, M. (2022). *Devir quilomba: antirracismo, afeto e política nas práticas de mulheres quilombolas*. Elefante.
- Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3(2), 77-101. <https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>
- Fanon, F. (2020). *Pele negra, máscaras brancas* (S. Nascimento & R. Camargo, Trad.). Ubu. (Original publicado em 1952).
- Félix-Silva, A. V., Nascimento, M. V. N., Albuquerque, M. M. R., Cunha, M. S. G., & Gadelha, M. J. A. A. (2014). *A tenda do conto como prática integrativa de cuidado na atenção básica*. EdUnP.
- Ferreira, R. F. (1999). *Uma história de lutas e vitórias: a construção da identidade de um afrodescendente brasileiro* [Tese de doutorado]. Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil. <https://repositorio.usp.br/item/001030332>
- Guerra, N. E. M., Stofel, N. S., Borges, F. A., Luna, W. F., Salim, N. R., Sá, B. S. M., & Monteiro, J. (2024). O racismo institucional na universidade e consequências na vida de estudantes negros: um estudo misto. *Ciência & Saúde Coletiva*, 29(3), e04232023. <https://doi.org/10.1590/1413-81232024293.04232023en>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2019). *Desigualdades sociais por cor ou raça no Brasil* (Estudos e pesquisas – Informação demográfica e socioeconômica, n.º 41). IBGE. https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681_informativo.pdf
- Kilomba, G. (2019). *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Cobogó.
- Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012. (2012). Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. *Diário Oficial da União*. https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112711.htm
- Ortega, M. X., Brambilla, B. B., & Kahhale, E. M. S. P. (2023). Afetividade, processo grupal e aquilombamento como tecnologias de cuidado numa perspectiva de gênero antirracista. *Revista Áskesis*, 12(1), 189-212. <https://www.revistaaskesis.ufscar.br/index.php/askesis/article/view/847>
- Pichon-Rivière, E. (2005). *O processo grupal* (8a ed.). Martins Fontes.
- Portuguez, B.S. (2024). *Trançando (escre)vivências: significados do cabelo na construção da negritude* [Dissertação de mestrado]. Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, SC, Brasil. <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/258419>
- Reis, R. F. (2019). Ôrí e memória: o pensamento de Beatriz Nascimento. *Sankofa*, 12(23), 9-24. <https://doi.org/10.11606/issn.1983-6023.sank.2019.169143>
- Souza, N. S. (2021). *Tornar-se negro: ou As vicissitudes da identidade do negro em ascensão social*. Graal. (Publicado originalmente em 1983).
- Venancio, K. R. (2023). *Impactos do racismo na vivência universitária: a experiência de estudantes negros em uma universidade pública brasileira (2017-2018)* [Dissertação de mestrado]. Universidade Estadual de Campinas, SP, Brasil. <https://www.repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/1372572>